

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE



**FERNANDA CAMOLESI
NATÁLIA DOS SANTOS RODRIGUES**

**A FORMAÇÃO DO METALEITOR: UMA
AVALIAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS QUE VISAM
À METALEITURA**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2009**

FERNANDA CAMOLESI
NATÁLIA DOS SANTOS RODRIGUES



A FORMAÇÃO DO METALEITOR: UMA AVALIAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS QUE VISAM À METALEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia.

BEBEDOURO – SÃO PAULO.
2009

Camolesi, Fernanda Aparecida
Rodrigues, Natália dos Santos

A Formação do Metaleitor: Uma Avaliação sobre as Práticas que Visam à Metaleitura /Fernanda Aparecida Camolesi e Natália dos Santos Rodrigues. --Bebedouro: Fafibe, 2009.

45 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras -
Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 44-45

1. metaleitor. 2. autonomia. 3. argumentação
I. Título.

FERNANDA CAMOLESI
NATÁLIA DOS SANTOS RODRIGUES



A FORMAÇÃO DO METALEITOR: UMA AVALIAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS QUE VISAM À METALEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: Profa. Ms. Siumara S. M Quintella
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP

Dedicatória

Dedicamos ao professor e orientador Rinaldo Guariglia por confiar que seríamos capazes, mesmo com as dificuldades em encontrar materiais, de concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

primeiramente a Deus, por nos conceder a graça de alcançar mais um dos nossos sonhos (este curso).

aos nossos familiares pelo apoio indispensável, pelo grande incentivo e por respeitar todos os nossos sonhos, nos fazendo acreditar que somos capazes de realizá-los.

ao professor e orientador Rinaldo pela paciência, confiança, orientação e por acreditar na nossa capacidade de realizar esse trabalho.

agradecemos aos professores e colegas de curso pelo apoio e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desse projeto.

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer,
mas por incrível que pareça, a quase
totalidade, não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade.

RESUMO

1

Este trabalho tem como objetivo avaliar a formação de um indivíduo metaleitor, abordando as relações existentes entre produção textual, interpretação textual, leitura, letramento e a metaleitura. Por meio de redações escolares será analisada a competência dos alunos para produzir textos, organizar idéias, relacionar e interpretar informações, dominar os mecanismos linguísticos para a construção de uma argumentação e a autonomia desses alunos. O trabalho abordará o significado da palavra metaleitura e, na prática, avaliará se os professores visam à formação de indivíduos metaleitores. É preciso promover uma reflexão que contribua com futuros trabalhos sobre o mesmo tema, pois há muito pouco sobre esse assunto e é necessário que alunos, professores e professores em formação conheçam a importância da metaleitura. O corpus de pesquisa compreende redações produzidas durante o ano letivo de 2009 por alunos do segundo ano do ensino médio.

Palavras-chave: Metaleitor. Autonomia. Argumentação.

ABSTRACT

1

This paper aims to evaluate the formation of a meta-reader, dealing with the existing relationship between textual production, textual interpretation, reading, spelling (letramento), and meta-reading. By means of school essays, we will analyze the students skills to produce texts, organize ideas, link and interpret information, master the linguistic mechanisms to develop arguments and autonomy. The paper will deal with the meaning of the word 'meta-reading' and, in practice, will evaluate if teachers aim the formation of meta-readers. It is needed to have a reflection which may contribute to further researches on the same issue, since there is very little about the subject and it is necessary that students, teachers and undergraduates know the importance of meta-reading. The corpus of research is comprised of essays written along the academic year of 2009 by high school students.

Keywords: meta-reader. autonomy. Argumentation.

SUMÁRIO

Introdução	9
1 Embasamento Teórico	11
1.1 A Inter - Relação Entre a Produção Textual e a Leitura	11
1.2 A Leitura: Conceito, Abrangência e Propriedades	12
1.3 A Metaleitura como Competência para Interpretação: O Ensino da Metaleitura. O Metaleitor	14
1.4 Letramento e Metaleitura	20
2 Análise das Redações.....	23
3 Considerações Finais.....	42
4 Referências	44

INTRODUÇÃO

Este estudo será realizado para que possamos fazer uma avaliação dos níveis de leitura dos alunos e avaliar, também, se eles se tornam metaleitores, ou seja, se conseguem realizar uma leitura crítica, compreender, dominar e interpretar o que eles mesmos produzem.

Escolhemos o trabalho com a “metaleitura” devido a importância de avaliar o ensino/aprendizagem da leitura, que é o centro das preocupações nas escolas. Com as pesquisas esperamos encontrar estratégias que despertem a visão crítica dos alunos, o raciocínio e a organização de idéias. A partir das redações avaliadas observaremos, por meio de alguns professores, se o ensino da língua portuguesa procura formar indivíduos metaleitores ou se concentra apenas no campo da leitura e da escrita.

Como objetivo principal tem-se a análise sobre a formação de indivíduos metaleitores, ou seja, avaliar a maneira correta para ensinar e incentivar o aluno a fazer uma leitura da sua própria leitura de um texto. Mas antes de chegar ao objetivo principal a pesquisa visa à análise da interpretação do aluno, a associação que ele é capaz de fazer, a compreensão, o questionamento que ele faz do texto e a sua capacidade de realizar uma leitura crítica, isto é, realizar estudos sobre a formação crítica do aluno para que ele possa ser sujeito do seu próprio meio, pois por meio desses propósitos é que se atingirá a metaleitura. Outro objetivo é a avaliação das duas vertentes da metaleitura, ou seja, a metaleitura na própria leitura – analisar se o sujeito é competente quanto à capacidade de adquirir conteúdos e refletir sobre eles (associações lógicas); e a metaleitura na escrita – analisar se o sujeito escreve e lê ao mesmo tempo o seu próprio texto colocando-se no lugar do seu interlocutor.

A pesquisa será realizada com base em leituras sobre indivíduos metaleitores (teoria) e, também, por meio de análises de redações dissertativas e/ou narrativas

oferecidas pela instituição escolar: Prof^o. Aymoré do Brasil, localizada na cidade de Barretos – SP, (prática). Nessas redações serão analisados os recursos lingüísticos que indicam um monitoramento do autor/emissor em relação ao seu próprio texto, isto é, a ordenação de idéias, a previsibilidade que ele apresenta em relação ao seu receptor, recursos retóricos e/ou a organização lógica que esse emissor faz do texto.

A partir da coleta desses dados será possível avaliar se existem muitos alunos metaleitores ou se há falhas por parte dos professores em relação ao processo ensino/aprendizagem da leitura, pois antes que se forme um individuo metaleitor é necessário que se forme um aluno leitor.

No primeiro capítulo, apresentaremos o embasamento teórico explicando a relação entre produção textual, interpretação textual, leitura, letramento e a metaleitura.

No segundo capítulo analisaremos o corpus de pesquisa, avaliaremos, por meio de redações do segundo ano do ensino médio, se os alunos conseguem ou não se livrar da dependência dos professores e se tornar indivíduos metaleitores.

1.1 – A INTER – RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO TEXTUAL E A LEITURA

[...] Considera-se um texto qualquer trecho falado ou escrito que constitui um todo unificado e coerente, dentro de uma determinada situação discursiva. Assim, o que define um texto não é só sua extensão [...], mas o fato de ser uma unidade de sentido, em relação a uma situação. Interação pela linguagem significa saber dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, em um determinado contexto histórico e em determinada circunstância de interlocução. No contexto de leitura e produção, o processo é semelhante, o leitor/ produtor deve reconhecer as condições em que o discurso é realizado – as finalidades e intenções do locutor, suas opiniões e idéias, as escolhas do gênero em que o discurso se atualizou, os procedimentos de estruturação e seleção dos recursos etc. -, enfim, dar sentido para os diferentes textos, indo além de sua decodificação. O texto, portanto, tem os limites de sua situação comunicativa, de seus objetivos e de seus interlocutores que definem seu tema, o gênero, composição, estilo e complexidade. (SÃO PAULO FAZ ESCOLA, 2008, p, 16).

Ao produzir um texto, o autor necessita de argumentos, idéias, riqueza de vocabulário e pelo menos, um mínimo de conhecimento gramatical para montar as frases e coordená-las. A dificuldade de passar as idéias para o papel consiste, muitas vezes, na transformação da linguagem oral, coloquial, numa linguagem culta, havendo coerência nas estruturações, organizações de parágrafos e pontuações, ou seja, o problema, muitas vezes, se encontra em adequar-se às normas da língua escrita.

Porém, além dos conhecimentos gramaticais, para se produzir um texto, é indispensável também coordenar idéias e pensamentos e, sobretudo, saber expressá-los. “Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar idéias e concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não providenciou...” (GARCIA, 1977, p; 275).

Para que isso ocorra, necessita-se de conhecimento de mundo, inclusive dos diversos gêneros textuais que circulam o nosso cotidiano; adquiridos por meio do hábito de leitura, pois quanto maior o cabedal de conhecimento do leitor, maiores serão suas competências para a compreensão e habilidade de escrever um texto. A interpretação é um nível alcançado na leitura quando se entende o que está

subentendido no texto. Quando isso não ocorre é difícil executar uma atividade que requer pensamento crítico.

Tudo indica que a compreensão não se dá como fruto da simples apreensão do significado literal das palavras e sentenças. Mais: compreender uma sentença ou um texto exige mais do que situá-los em seus contextos de ocorrência. Exige também uma contextualização cognitiva dependente da própria organização dos conhecimentos e experiências pessoais. (MARCUSCHI, 2001, p; 38).

Assim como é necessário uma bagagem de conhecimento e leitura para se produzir um texto, é necessário também para interpretá-lo, pois o sujeito que lê com freqüência, ou seja, o “leitor assíduo” atinge o nível da interpretação e em decorrência, compreende melhor os problemas que o circundam, centrando-se nos fatos de mais importância. Sendo assim, a elaboração e compreensão de um texto dependem especialmente, das experiências de vida, do conhecimento de mundo e das várias leituras realizadas.

Muitos alunos se sentem *bloqueados* na hora de elaborar uma redação, pois não *encontram* idéias para o seu desenvolvimento. Na verdade, é preciso esclarecer uma coisa: Não há um mundo de idéias, residindo em algum lugar que deve ser encontrada como em um passe de mágica [...] As idéias existem nos livros, nos textos já publicados, nas informações que recebemos pela televisão, pelo rádio, pelos jornais [...] Estas são as verdadeiras fontes da inspiração. Aquele que não lê terá, é claro, uma dificuldade bem maior de *encontrar idéias* do que o amante da leitura. A verdadeira fonte das idéias é a leitura constante. (EMEDIATO, 2005, P; 88).

Segundo a escritora Lygia Fagundes Telles na seção “Leitura e Reflexão” da revista *Época* de 14 de junho de 1999: “o único caminho é ler, ler e ler. Ler os clássicos, perceber porque Machado de Assis é vivo até hoje. Essa é a única salvação para a formação de um jovem. Sabendo interpretar o que lê, o estudante saberá organizar suas idéias e produzir um bom texto [...]” (1999, p.83).

1. 2 – A LEITURA: CONCEITO, ABRANGÊNCIA E PROPRIEDADES.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e

qualquer coisa [...] A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo” (MARTINS, 1986, p. 17 e 25).

Desde que nascemos a leitura já é algo muito importante em nossas vidas, pois por meio dela é que começamos a dar sentido a todas as coisas e a todas as pessoas que estão a nossa volta. No decorrer da nossa existência ela continua essencial para que possamos conhecer e interpretar o mundo fazemos leitura dos objetos, das pessoas, do ambiente, das situações e, também, a leitura das palavras, enfim fazemos uso dela para realizar a interpretação de tudo aquilo que conhecemos. A partir desses fatos podemos caracterizar a leitura como uma competência necessária e de extrema importância na vida de um indivíduo, pois ela proporciona descobertas de um universo mágico e maravilhoso, o qual, antes da leitura, era considerado como algo desconhecido.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, a leitura não é apenas uma atividade que implica simplesmente num processo de extração de informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita, ou seja, quando tratamos da leitura das palavras, não significa que estamos falando simplesmente do ato de decodificá-las, mas também, do ato de descobrir além da imaginação e atingir as informações implícitas que um texto oferece, isto é, adquirir conhecimentos a partir da leitura e compreender o universo que um autor nos propõe.

Um dos maiores problemas relacionados a leitura é a falta de leitores, Maria Helena Martins em seu livro “O QUE É LEITURA” dá a esse problema o nome de “crise de leitura” (p. 25), que significa a ausência da leituras de textos. Os professores enfrentam grandes problemas para estimular os seus alunos a adquirir o hábito de ler, pois esses encontram-se cada vez mais desinteressados, e isso os impedem de conhecer o mundo, de ampliar os conhecimentos, ampliar o vocabulário, e conseqüentemente, a falta de leitura ocasiona problemas que prejudicam a produção e a interpretação textual, que são outros pontos importantes abordados nas escolas. É importante lembrar que mesmo existindo essa falta de leitura de texto, há outras leituras que proporcionam eficiência no aprendizado e são

mais eficazes que a leitura feita dentro da instituição escolar, assim como cita Maria Helena Martins:

O que é considerado material de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto a inúmeras leituras. (MARTINS, 1986, p.28).

O ato de ler está diretamente ligado ao ato de compreender, ou seja, o leitor precisa se interagir com o que está lendo para que haja compreensão, e para isso os conhecimentos prévios (lingüísticos, textuais e de mundo) são necessários para o sucesso mais da leitura. Segundo Martins (1986, p.82) “Para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”.

Portanto, ler é aprender a escrever, interpretar, produzir, aprender culturas e artes. É um caminho para se conhecer o mundo e a nós mesmos. Ajudando-nos na resolução de grandes necessidades existentes na realidade, dando opções sensatas àquele que terá de tomar decisões importantes para sua vida e para a vida do próximo que dele depende.

A leitura apresenta alguns níveis, os quais os professores podem trabalhar, separadamente, até atingir a metaleitura, de acordo com Fabíola Coutinho Servidoni (2000, p.331) há quatro níveis de leitura: leitor ledor (aquele que lê e compreende o que leu, realizando a identificação dos personagens, espaço tempo); leitor intérprete (que faz associações das figuras com as pessoas e identifica o discurso figurativo de um texto); leitor crítico (é o leitor que faz questionamentos críticos do texto e que descobre diversos temas abordados nesse texto) e leitor metaleitor (o qual será trabalhado, detalhadamente, nesse projeto).

1.3 – A METALEITURA COMO COMPETÊNCIA PARA INTERPRETAÇÃO: O ENSINO DA METALEITURA. O METALEITOR.

O trabalho com a leitura apresenta diversos problemas, por isso é complicado pensarmos em formar leitores críticos se muitos deles ainda não conseguem dominar e interpretar o ato de ler. De acordo com a Secretaria Municipal de

Educação de São Paulo o desempenho dos alunos paulistanos na Prova São Paulo, demonstrou que mais de um terço dos mais de 48 mil alunos da 8ª série possui deficiências críticas em redação. Dos 267 mil estudantes da rede municipal, 244 fizeram a prova e 14% dos 63 mil alunos participantes, foram classificados como “não alfabéticos”. (Revista Língua Portuguesa, 2008, p; 10).

Dos alunos da segunda série que fizeram a prova do Saeb (exame federal de avaliação de aprendizagem) de 2005, “alunos paulistas do 3º ano do ensino médio têm conhecimento de leitura e escrita similar aos da 8ª série do ensino fundamental. Dos alunos [paulistas] do antigo ginásio, 43,1% tiveram notas inferiores a 250, patamar mínimo para a 8ªsérie.” (Revista Língua Portuguesa, 2007, p; 11). De acordo com SOARES (2001) “crianças e pais das camadas populares vêm a aprendizagem da leitura como um instrumento para obtenção de melhores condições de vida – a leitura é avaliada em função de interesses utilitários.”.

Sabemos que a aquisição da leitura e da escrita sempre foi a grande preocupação do ensino em nosso país, sendo assim, postulamos tratar-se de uma questão cultural, pois de acordo com Zilberman (2001), assim que foi criada a escrita adquiriu “um caráter distintivo, conferindo àqueles que dominavam a técnica de escrever [...] um lugar de destaque na sociedade.”.

Ser alfabetizado, não significa ter apenas adquirido essas duas competências, pois há uma grande trajetória entre ler o que se escreve e compreender o que se lê e este tem sido um grande desafio para os professores: formar leitores críticos, capazes de compreender e interpretar um texto, notícia ou qualquer informação, sabendo intervir de forma crítica. Porém, para que esse objetivo possa ser alcançado, há um longo caminho a ser percorrido.

Sabemos que nosso país não possui uma cultura de leitura, logo, são poucos os que têm contato com livros literários e com outras formas de textos, tanto pelo baixo nível econômico da maioria da população em relação ao valor dos livros, quanto à deficiência de incentivo à leitura. De acordo com Koch (2007, p.15) em entrevista á *Língua Portuguesa* “o brasileiro sempre teve dificuldade em ler e entender, porque não foi escolarizado ou, quando foi, não foi treinado para isso na escola.”.

A metaleitura pode auxiliar no sentido, de transformar o aluno “vítima”, num aluno crítico-competente, pois o metaleitor é o indivíduo que consegue atingir a capacidade de realizar uma leitura crítica, além de compreender e estabelecer

analogias entre o que lê e outros textos já conhecidos. Não há como negar que para escrever bem é indispensável pensar sempre em quem está lendo, neste sentido, o metaleitor é capaz de produzir e dominar o seu próprio texto, com previsibilidade quanto ao seu receptor.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o leitor competente é aquele capaz de compreender integralmente aquilo que lê indo além do nível explícito a ponto de identificar elementos implícitos. Além disso, estabelecer relações entre os textos que lê e outros já conhecidos, atribuindo-lhes sentidos e ainda justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Tem aptidão para selecionar trechos que atendam a uma necessidade sua e utiliza estratégias de leitura de forma atingir essa exigência.

Para que o aluno desenvolva uma competência crítica, de início pensamos que é necessário expô-lo a vários tipos de leitura e discussão a respeito dos temas tratados, de modo que adquira uma bagagem de conhecimento sobre esses temas, levando em conta a sua interpretação e conhecimento prévio.

É indispensável ensinar ao aluno caminhos, técnicas para se chegar à interpretação de textos, ressaltando que ela consiste em um exercício aprimorado à medida que se pratica; tais caminhos são as primeiras técnicas de leitura, como a investigação do texto em busca do autor, data, título e assunto, para que o aluno possa se situar. A primeira leitura, que deve ocorrer sem interrupção por meio de uma leitura total e rápida do texto, tem como objetivo a busca de uma idéia central, ou seja, *o texto trata sobre o que?* Pois, de acordo com GUARIGLIA (2007) “sem a sua identificação, certamente haverá prejuízo na interpretação.”.

Segundo BRUNI (s.d.) “Nesta leitura, deve-se procurar prestar atenção para o importante, deixando-se de lado os pormenores, o que não é essencial, como exemplos, repetições, dados ilustrativos, etc.” Ainda, em busca da idéia central, é importante que se faça outras leituras, desta vez levando em conta os pormenores desprezados pela primeira leitura, havendo assim, maior conteúdo de interpretação e maior entendimento. Também nos parece relevante que se classifique o gênero e a tipologia textual dos textos analisados.

Após o aluno encontrar a idéia central do texto, outra técnica importante para a compreensão é a *paragrafação* (GUARIGLIA 2007) que consiste em desmembrar o texto buscando a idéia central de cada parágrafo, sendo assim, é necessário que o aluno formule a distribuição das idéias do texto, considerando a organização dos

parágrafos, portanto estimula a concentração, levando-o a atentar-se ao texto por inteiro.

Em geral, todo texto encontra-se dividido em várias partes, cada uma contendo uma idéia, não a central, mas as secundárias, acessórias, que se sucedem no texto estão relacionadas entre si de um modo determinado e é este modo de relacionamento das diversas partes entre si que chamamos de estrutura de um texto (...) Deve-se verificar quais são os vários temas tratados, como de um se passa ao outro. (BRUNI, [s.d.], P; 9).

Adquiridas as competências anteriores às quais consideramos de extrema importância, o professor pode introduzir o aluno a produção de textos, porém em forma de paráfrase a qual estamos convencidas tratar-se de um primeiro grande passo, tanto para a interpretação quanto para a produção textual e, de acordo com GUARIGLIA (2007), “a paráfrase é a reconstituição de um texto a partir da sua interpretação; tem propriedades parecidas com a do resumo, pois ambas baseiam-se em emitir opiniões fundamentadas na idéia central do texto original.” Sendo assim, ela depende somente da interpretação do texto, trazendo as mesmas idéias, mas sem que se possa utilizar as palavras do autor e nem dar opinião própria.

A paráfrase consiste, basicamente, na prática do comentário, da explicação e da interpretação de textos. [...] Trata-se, portanto, de um exercício excelente para o aprimoramento do vocabulário, já que o aluno terá de reescrever um texto, conservando tudo o que o texto original tem de essencial, sem repetir as mesmas expressões e palavras utilizadas no primeiro texto [...] A prática escolar ideal deveria ser a prática sistemática da paráfrase: os alunos lêem textos e os parafraseiam, explicando-os e comentando-os por escrito. Saber dizer o que se leu com as suas próprias palavras, expressões e frases não é a prova maior do seu entendimento? (EMEDIATO, 2005, P; 126).

De acordo com EMEDIATO (2005, p.126): “O interessante da paráfrase é que ela pode revelar o próprio entendimento do texto lido.” Deste modo, consideramos a aplicação desta atividade no ensino de produção de texto de suma importância, pois por possuir caráter interpretativo torna-se uma grande aliada para que o professor possa saber em que nível de interpretação e produção o aluno se encontra, já que ela exige a compreensão do texto por parte do aluno para poder reproduzi-lo.

A paráfrase, de acordo com FÁVERO (2002, p; 29) “contribui para a coesão de texto, já que atua como articuladora entre informações antigas e novas, distingue-se da repetição na medida em que possui uma característica importante: a

criatividade [...]” Sabemos que a coesão ajuda no estabelecimento de sentido e deve ser trabalhada, se possível concomitantemente à produção de textos.

Estamos convencidas da importância da leitura para a produção de texto, todavia, não podemos deixar de ressaltar que os conhecimentos gramaticais também são fundamentais para a produção de um texto coerente, entretanto, sabemos que o ensino da gramática em si só não leva a produção de textos melhores. De acordo com Koch (2007, p.14) em entrevista a Língua Portuguesa, muitos professores que dizem trabalhar com textos se esquecem que os elementos de coesão, “importantíssimos num texto, são todos gramaticais.” Sendo assim, propomos um trabalho conjunto entre produção escrita e gramática para que se possa aprender a gramática no texto.

Ainda, de acordo com a autora: “o texto é como um crochê. Você dá o primeiro ponto, pega a agulha, puxa e dá outro, e assim vai. Quais elementos ajudam a puxar o primeiro ponto? Quais costuram as duas partes? Mostrando esse funcionamento, aprende-se gramática no texto”. (2007, p; 14).

A coesão aborda os processos de referência e sequenciação que dão tessitura aos textos. A coesão referencial é dividida em duas partes: por substituição e por reiteração. A primeira “se dá quando um componente é retomado ou precedido por uma *pró-forma* (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz marcas do que substitui)”. (FÁVERO, 2002, p; 18).

Um texto é sempre composto de informações e de termos que se repetem. Informações e termos mencionados em um período são retomados em um período subsequente. Para se evitar a repetição de termos e informações já presentes na memória de trabalho do leitor, empregamos expressões remissivas que retomam ou substituem os termos já mencionados. (EMEDIATO, 2 005, p; 231).

As *pró-formas* por substituição podem ser: *pronominais*, *numerais*, *adverbiais* e *verbais*. Além da substituição por *pró-formas*, há a substituição por *elipse*, que de acordo com FÁVERO (2002), “pode aparecer substituindo qualquer elemento lingüístico” e por *definitivização* na qual resumindo, substitui-se o artigo indefinido pelo definido.

A substituição por reiteração dá-se por *repetição do mesmo item lexical* com a intenção de dar ênfase à frase; por *sinônimos-sinonímia*, que de acordo com a

autora trata-se de uma questão bastante complexa, devido à inexistência de sinonímia verdadeira. “Não existe identidade semântica absoluta entre *cachorro* e *cão*, *casa* e *mansão* etc., pois variam tanto em suas conotações como em seu nível lingüístico (...)”. (BERNÁRDEZ, 1982, p; 104 apud FÁVERO, 2002, p; 23-24). Há ainda as reiteraões por *hiperônimos* e *hipônimos* e por *expressões nominais definidas*.

Os fatores de coerência se dão pelos *elementos lingüísticos* e suas organizações (regras); por *conhecimentos: de mundo e partilhado*, sabendo que os dois tipos de conhecimento não estão diretamente relacionados, mas tratam da mesma bagagem, ou repertório, ainda sabendo que duas pessoas não possuem o mesmo conhecimento de mundo, elas necessitam compartilhar de boa quantidade desse conhecimento em comum para poderem se compreender; por *fatores de contextualização; inferências; situacionalidade; focalização; intertextualidade; informatividade; intencionalidade/aceitabilidade* e, enfim, *consistência e relevância*.

Estamos cientes das dificuldades de se abordar alguns tópicos anteriores em sala de aula, nem é possível que seja ministrado todo o conteúdo de uma só vez, entretanto, o objetivo da nossa proposta é de que o aluno compreenda, na prática, que um texto não pode ser um amontoado de palavras e frases soltas, precisa apresentar textualidade; não bastando apenas conter frases, orações e períodos. Assim, é necessário que ele compreenda pelo menos os recursos básicos de coesão e coerência. De acordo com Emediato (2005) é preciso que o texto tenha um significado que possa ser decifrado por seu destinatário, assim, “quanto mais coerente for, mais interpretável será.”.

A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual. (KOCH, 1998, p; 22).

Consideramos importante também trabalhar a pontuação juntamente com a produção de texto, expondo a necessidade de se passar claramente uma idéia ao interlocutor e mostrando a diferença de interpretação que pode causar um sinal de

pontuação mal colocado. Assim, sabendo que a coesão faz a conexão entre as palavras, frases, parágrafos, ou seja, de um texto no todo, sabendo também que a coerência faz a ligação entre as idéias e que a pontuação ajuda a transmitir claramente um ponto de vista, o aluno compreenderá como os elementos da gramática podem auxiliá-lo na produção e organização de um texto tornando significativo o ensino para ele.

Como falamos anteriormente, trata-se de um longo caminho a ser percorrido, entretanto, as técnicas de leitura/ interpretação e produção de textos são métodos de ensino que se levados a sério e apreendidos pelo aluno, farão com que ele venha se tornar um metaleitor, ou seja, autônomo, no sentido de ser crítico e, por conseguinte, autocorretor de seu próprio texto não dependendo exclusivamente do professor já que este não estará sempre presente para auxiliá-lo.

1.4– LETRAMENTO E METALEITURA.

Antigamente trabalhava-se apenas com termo alfabetização, mas no fim do século XX passamos a conhecer um fenômeno chamado “Letramento”, termo que surgiu devido ao aparecimento de novas idéias, ou seja, todos nós já conhecemos, de muitos séculos atrás, o nome que se dá para pessoas que não sabem ler nem escrever: pessoas analfabetas. Porém, atualmente, diminui cada vez mais o número de pessoas que se encontram nessa condição, isto é, os indivíduos buscam, cada vez mais, a alfabetização. Mas o indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever e não aquele que possui competência para a prática da leitura e da escrita e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais, assim com cita Magda Soares:

Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que minimamente resolvido o problema do analfabetismo e o que o desenvolvimento sócio-cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas, práticas de leitura e de escrita, fazendo emergir novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e deve ser nomeado. Por isso, e para nomear esse fenômeno, surgiu a palavra **letramento**. (SOARES, 1998, p. 46).

De acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008, p. 43):

É necessário saber lidar com os textos nas diversas situações de interação social. É essa habilidade de interagir lingüisticamente por meio de textos,

nas situações de produção e recepção em que circulam socialmente, que permite a construção de sentidos desenvolvendo a competência discursiva promovendo o letramento. O nível de letramento é determinado pela variedade de gêneros textuais que a criança ou o adulto reconhecem [...]. (São Paulo, 2008, p.43)

A partir da citação acima pode-se considerar *letrado* o indivíduo que possui domínio do ato de ler e escrever e tenha capacidade de utilizar a leitura e a escrita nas várias necessidades sociais que podem surgir, dominando os diversos gêneros textuais que estão inseridos no nosso cotidiano (bilhetes, textos jornalísticos, bula de remédio, manual de instrução, etc.).

Depois de definir “*o que é letramento*” nota-se que estamos diante de um processo a favor de promover a autonomia do sujeito e que contribui para a formação de leitores metaleitores, ou seja, quanto maior o nível de letramento do indivíduo, maior será sua capacidade de dominar, reconhecer e utilizar a leitura e a escrita, e a partir desses critérios, ele poderá atingir o último nível da leitura – a metaleitura. Em outras palavras letramento e metaleitura são estágios socio-comunicacionais co-relacionados: o letramento pode se dar independentemente da metaleitura (é questionável se esse estágio torna o sujeito um ser autônomo); por outro lado, o letramento pode atingir seu ápice, a metaleitura: o sujeito-produtor é autônomo, crítico e interage com o seu texto, com o texto que recebe (como leitor).

O nível da metaleitura é alcançado quando o sujeito passa a ser capacitado a ler criticamente a própria leitura, o seu próprio texto, isto é, com total autonomia (autonomia essa que começa a surgir, por meio do letramento), sem a intervenção do professor. Um metaleitor é aquele que escreve e se autopolicia, ou seja, é aquele que tem preocupação com a linguagem usada em seu texto, pois ele ordena a própria linguagem prevendo a reação do receptor do seu texto. Segundo Servidoni (2000, p. 331) o leitor metaleitor é aquele “que lê a sua leitura do texto, percebe os engodos que os homens praticam com a linguagem, domina o discurso metalingüístico”.

A escola confronta-se com um problema de leitura que não conseguiu superar e agravou-se ao longo dos anos. O saber ler era e, por vezes, ainda é confundido com a possibilidade de se decifrar o escrito, transformado-o em oral, simplesmente. Por isso, procura como solução para o problema o aperfeiçoamento dos métodos existentes, não percebendo que a leitura possui outra natureza [...] podemos considerar o ato de ler como um modo de interrogar a escrita, por questionamentos, pela exploração dos textos, tendo, como resultado, a formação do

indivíduo, ao trazer, para seu universo, possibilidades de sentidos que desafiam suas verdades, desestabilizando-o e o levando a se reestruturar [...]. (SERVIDONI, 2000, p. 330).

Enquanto a leitura não deixar de ser vista como uma mera decifração da escrita, o metaleitura torna-se impossível, o professor tem que possuir habilidades para trabalhar com a leitura como na citação acima, isto é, o professor deve trabalhar textos, promovendo questionamentos e interpretações desse texto, capacitando o aluno a se tornar um sujeito crítico e, conseqüentemente, um sujeito metaleitor – que possui habilidade e capacidade para ser o leitor do seu próprio texto.

Acreditamos que cabe ao professor e aos pais incentivar as diversas formas de leitura, para que o indivíduo se torne letrado – adquira domínio e autonomia para lidar com as diversas técnicas da leitura e da escrita e, também, utilize esse domínio e essa autonomia para se tornar um metaleitor – capaz de produzir seu texto, colocando-se na posição de leitor do seu texto e realizando a “autocorreção”, tornando-se livre da dependência do professor.

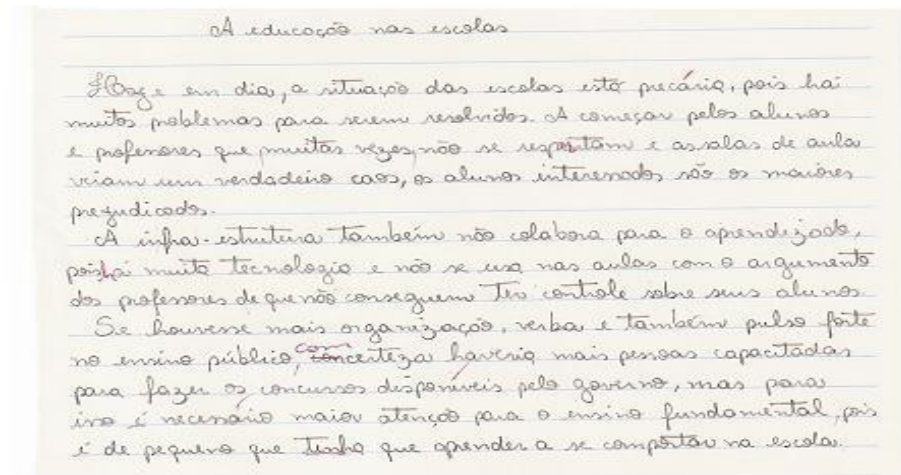
2 – Análise das Redações

Neste capítulo pretendemos abordar alguns problemas que boa parte dos alunos apresentam para elaborar e produzir textos de opinião. A fim de compreender melhor o problema, selecionamos alguns textos de alunos do segundo ano do ensino médio para que sejam avaliados de acordo com o que foi tratado no primeiro capítulo. Sendo assim, optamos por analisar alguns artigos de opinião elaborados pelos estudantes do segundo ano do ensino médio da instituição de ensino denominada Escola Estadual Prof. Aymoré do Brasil localizada na cidade de Barretos – SP, dos quais nos foram cedidos gentilmente pelo docente.

Assim, das trinta e cinco produções textuais, selecionamos para o corpus apenas seis para que possam ser analisadas detalhadamente, principalmente pelo fato de tratar-se de artigos de opinião que consideramos importante, tanto por possuir caráter argumentativo, pois pertence à esfera jornalística, quanto pela necessidade de se elaborar uma proposta de intervenção para o problema abordado.

O tema do artigo é *A escola pública em discussão: A escola que eu tenho e a escola que eu gostaria de ter*. As redações estarão escaneadas e depois digitadas na íntegra, para melhor compreensão.

Texto 1:



Transcrição do texto 1:

A educação nas escolas

Hoje em dia a situação das escolas está precária, pois há muitos problemas para serem resolvidos. A começar pelos alunos e professores que muitas vezes não se respeitam e as salas de aula viram um verdadeiro caos, os alunos interessados são os maiores prejudicados.

A infra-estrutura também não colabora para o aprendizado pois há muita tecnologia e não se usa nas aulas com o argumento de professores que não conseguem ter controle sobre seus alunos.

Se houvesse mais organização, verba e também pulso forte no ensino público concerteza haveria mais pessoas capacitadas para fazer os concursos disponíveis

peelo governo, mas para isso é necessario maior atenção para o ensino fundamental, pois é de pequeno que tinha que aprender a se comportar na escola.

Comentários:

Em primeiro lugar, observaremos os problemas de ortografia, como no termo *concerteza*: “*Se houvesse mais organização, verba e também pulso forte no ensino público concerteza haveria [...]*” o que acreditamos tratar-se de marcas de oralidade; á, no lugar de há “[...], pois á muita tecnologia e não se usa nas aulas [...]”; problemas de pontuação como ausência de vírgula na primeira e na segunda linha do primeiro parágrafo: “*Hoje em dia a situação das escolas está precária [...]*” e do pronome indefinido *muitas vezes*: “*A começar pelos alunos e professores que muitas vezes não se respeitam e as salas de aula viram um verdadeiro caos [...]*”; no segundo parágrafo, antes da conjunção *pois*: “*A infra-estrutura também não colabora para o aprendizado pois á muita tecnologia [...]*” e no terceiro parágrafo, antes e depois da locução adverbial *com certeza*: “*Se houvesse mais organização, verba e também pulso forte no ensino público concerteza haveria [...]*” ; o que denota o uso de uma linguagem coloquial; há também falhas de acentuação nos termos *necessarios* e *disponiveis* que se encontram na segunda e terceira linha do terceiro parágrafo: “[...] *haveria mais pessoas capacitadas para fazer os concursos disponiveis pelo governo, mas para isso é necessario maior atenção para o ensino fundamental [...]*”. Ao fazer uso do pretérito imperfeito do indicativo no verbo *tinha* “[...] *é de pequeno que tinha que aprender [...]*”, quando o correto seria o verbo no tempo futuro do pretérito, no caso: *teria*, o aluno cometeu uma falha de tempo verbal, pois aquele tempo usado por ele remete a uma situação que ocorreu no passado, porém está inacabada, tornando o período incoerente.

O artigo é iniciado com os problemas enfrentados pelas escolas nos dias de hoje: “*A começar pelos alunos e professores que muitas vezes não se respeitam e as salas de aula viram um verdadeiro caos [...]*”. No segundo parágrafo ele critica a falta de tecnologia e os professores que não preferem não fazer uso dela: “*A infra-estrutura também não colabora para o aprendizado pois á muita tecnologia e não se usa nas aulas com o argumento de professores que não conseguem ter controle sobre seus alunos.*” e no terceiro e último parágrafo, coloca em pauta a desorganização e falta de “pulso forte” no ensino público: “*Se houvesse mais*

organização, verba e também pulso forte no ensino público concerteza haveria mais pessoas capacitadas para fazer os concursos disponíveis [...] e destaca a necessidade de se dar prioridade ao ensino fundamental : “[...] é necessario maior atenção para o ensino fundamental, pois é de pequeno que tinha que aprender a se comportar na escola”.

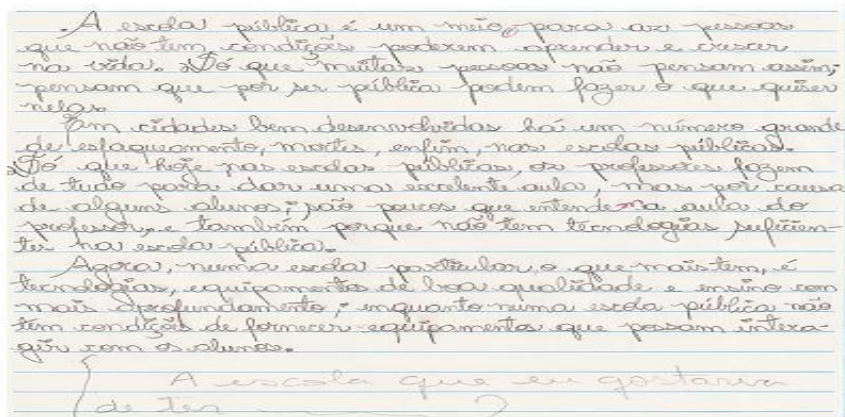
Em relação à estruturação das idéias do texto que é o objetivo do nosso trabalho, podemos analisar que foram distribuídas de forma aleatória, ou seja, ele inicia falando dos problemas da escola como a falta de respeito entre professores e alunos, a falta de tecnologia e o desinteresse dos docentes em relação ao uso delas e conclui colocando em pauta a desorganização e falta de “pulso forte” no ensino público, finalizando com a necessidade de se dar prioridade ao ensino fundamental. Encontramos ainda, neste parágrafo certa ambigüidade ao afirmar que “*concerteza haveria mais pessoas capacitadas para fazer os concursos disponiveis pelo governo [...]*” Ou seja, o texto não deixa claro se, com as soluções propostas por ele os alunos teriam professores melhores e mais qualificados para passar nos concursos públicos, ou se essas soluções fariam que os alunos se tornassem qualificados para passarem nos concursos.

Portanto, somos levadas a crer que não houve uma organização de idéias, ou seja, manutenção temática ao longo do texto e, principalmente no último parágrafo em que ocorreu uma mudança repentina a respeito do tema que estava sendo desenvolvido por ele (o qual citaremos logo abaixo), tornando esta última parte bastante incoerente, principalmente ao utilizar a conjunção *mas* para relacionar a oração seguinte com a anterior: “*Se houvesse mais organização, verba e também pulso forte no ensino público concerteza haveria mais pessoas capacitadas para fazer os concursos disponiveis pelo governo, **mas** para isso é necessario maior atenção para o ensino fundamental, pois é de pequeno que tinha que aprender a se comportar na escola.*

Embora o texto tenha apresentado alguns problemas de pontuação, ortografia e coerência no último parágrafo; observamos que não houve falhas de coesão e concordâncias. Notamos também certo esforço, mesmo que sem sucesso, por parte do aluno na tentativa de elaborar uma proposta de solução para o problema abordado e certa preocupação com a elaboração da escrita de acordo com a norma culta, demonstrando, às vezes, descuido, e outras, falta de

conhecimento das normas e de seu uso na escrita, o que evidencia o uso de uma linguagem coloquial. Não observamos nenhum índice de metaleitura nessa redação.

Texto 2:



A escola pública é um meio, para as pessoas que não têm condições podem aprender e crescer na vida. Só que muitas pessoas não pensam assim, pensam que por ser pública podem fazer o que quiser nela.

Em cidades bem desenvolvidas há um número grande de esfaqueamento, mortes, enfim, nas escolas públicas. Só que hoje, nas escolas públicas, os professores fazem de tudo para dar uma excelente aula, mas por causa de alguns alunos; são poucos que entendem a aula do professor, e também porque não tem tecnologias suficientes na escola pública.

Agora, numa escola particular, o que mais tem, é tecnologias, equipamentos de boa qualidade e ensino com mais aprofundamento; enquanto numa escola pública não tem condições de fornecer equipamentos que possam interagir com os alunos.

A escola que eu gostaria de ter

Transcrição do texto 2:

A escola pública é um meio, para as pessoas que não tem condições podem aprender e crescer na vida. Só que muitas pessoas não pensam assim, pensam que por ser pública podem fazer o que quiser nela.

Em cidades bem desenvolvidas há um número grande de esfaqueamento, mortes, enfim, nas escolas públicas. Só que hoje, nas escolas públicas, os professores fazem de tudo para dar uma excelente aula, mas por causa de alguns alunos; são poucos que entendem a aula do professor, e também porque não tem tecnologias suficientes na escola pública.

Agora, numa escola particular, o que mais tem, é tecnologias, equipamentos de boa qualidade e ensino com mais aprofundamento; enquanto numa escola pública não tem condições de fornecer equipamentos que possam interagir com os alunos.

Comentários:

De início podemos observar no texto acima a repetição do termo *nas escolas públicas*, o que denota a ausência de elementos de coesão por substituição evitando assim, a repetição do mesmo termo. Observamos ainda alguns erros de pontuação, tais como uso da vírgula entre sujeito e predicado: “*A escola pública é um meio, para as pessoas que não tem condições poderem aprender e crescer na vida...*”; antes da conjunção *e*: “[...] *são poucos que entendem a aula do professor, e também porque não tem tecnologias suficientes na escola pública.*” antes do verbo *é*: “*Agora, numa escola particular, o que mais tem, é tecnologias [...]*” e, também de concordância verbal no termo “*tem*” que concordando com o substantivo *pessoas* no plural deveria ter o acento circunflexo “*A escola pública é um meio, para as pessoas que não tem condições poderem aprender e crescer na vida [...]*”.

Em relação à estruturação das idéias do texto, observamos que as idéias foram distribuídas da seguinte forma: o aluno iniciou o primeiro parágrafo com o seu ponto de vista a respeito da escola pública e em seguida colocou uma situação que podemos chamar de problema que é a de muitas pessoas não pensarem daquela forma: “*Só que muitas pessoas não pensam assim, pensam que por ser pública podem fazer o que quiser nela.*”.

No segundo parágrafo, ele expõe os argumentos explicando os problemas mais comuns da instituição nos dias atuais: “[...] *hoje, nas escolas públicas, os professores fazem de tudo para dar uma excelente aula, mas por causa de alguns alunos; são poucos que entendem a aula do professor, e também porque não tem tecnologias suficientes na escola pública.*” e, enfim, no terceiro e último parágrafo, ele compara as escolas particulares e públicas, deixando de dar o seu ponto de vista sobre a escola que gostaria de ter como era requisitado pelo tema: “*Agora, numa escola particular, o que mais tem, é tecnologias, equipamentos de boa qualidade [...] enquanto numa escola pública não tem condições de fornecer equipamentos que possam interagir com os alunos.*” Deste modo, somos levadas a crer que o aluno não compreendeu a proposta do artigo de opinião, já que deixou de elaborar uma proposta de intervenção para o problema abordado.

Estamos certas de que apesar de o estudante demonstrar certo domínio da língua culta, já que o texto, embora sem os mecanismos de coesão, como exemplo nas repetições: “[...] *nas escolas públicas [...]*”, não deixa de estar coerente e

A sociedade afirma que os jovens são o futuro do país, ou melhor do mundo, mas investem muito e mal o dinheiro dos contribuintes no que é a base do nosso futuro.

Pesquisas recentes mostram que os índices da educação no estado de São Paulo e abaixo dos estados do nordeste onde se localizam os estados mais pobres onde se investe pouco em educação. O ensino no Brasil vem perdendo força a medida que os pais não controlem e eduquem seus filhos.

A educação pública no passado muito elogiada, não apresenta nem metade da qualidade de décadas anteriores.

O problema desde a infância, de casa, a geração y ou futuro como são chamados acostumados a facilidades e a impor suas vontades deterioraram a educação.

E a tecnologia que só veio para facilitar e melhorar a educação, faz professores e diretores enfrentarem jovens cheios de si a obstruírem leis e normas impostas para que se possa dar aulas com o mínimo de decência que merecem esses combatentes que tentam impedir que o futuro seja incerto e sem esperança.

Alternativas para que isso mude acham aos montes, mas o difícil é fazer adolescentes sem maturidade que se acham adultos entenderem que eles estão jogando fora não só suas vidas foras, mas as das futuras gerações, a escola que poucos querem e lutam para ter está bem distante de nossa realidade.

Escola cada um imagina como poderia ser, alguns até gostam de como elas são, uma extensão de sua casa, mas só por seus amigos e acham as aulas massantes e outros tentam mudá-las.

A escola perfeita necessita de só uma coisa para dar certo. Educação de todos os envolvidos, é assim uma coisa levaria a outra, e se os jovens levassem isso para a vida para a sociedade não seriam só as escolas que perderiam a ignorância selvagem tão presente em nosso cotidiano.

Comentários:

O texto acima apresenta várias falhas, sendo que no primeiro parágrafo, nos deparamos com a ausência de vírgula após a expressão *ou melhor*. “*A sociedade afirma que os jovens são o futuro do país, ou melhor do mundo [...]*”. No segundo parágrafo, encontramos falha de acentuação na proparoxítone “*índice*”, no verbo é:

“Pesquisas recentes mostram que os índices da educação no estado de São Paulo e abaixo dos estados do nordeste onde se localizam os estados mais pobres [...]”; também encontramos ausência de crase antes da expressão conjuntiva *à medida que*: *“O ensino no Brasil vem perdendo força a medida que [...]”*. Ainda, nessa frase observamos uma falha no tempo verbal nos verbos *controlem* e *eduquem*: *“[...] vem perdendo força a medida que os pais não controlem e eduquem seus filhos”*; o aluno fez uso dos verbos na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo, o que fica incoerente com o restante do texto que está no presente do indicativo: *“A sociedade afirma que [...]”* e *“Pesquisas recentes mostram que [...]”*, dentre outros.

No quarto parágrafo e quinto, observamos a ausência da vírgula, sendo que no quarto, o problema está entre as frases: *“O problema desde a infância, de casa, a geração y ou futuro como são chamados”* e *“acostumados a facilidades e a impor suas vontades deterioraram a educação”*, pois deve haver uma pausa breve, fazendo-se necessário o uso da vírgula, já no quinto parágrafo encontramos uma falha ao se introduzir a vírgula entre o sujeito *a educação* e o verbo *faz*: *“E a tecnologia que só veio para facilitar e melhorar a educação, faz professores e diretores enfrentarem jovens cheios de si a obstruírem leis e normas [...]”* e ouve também a ausência dela ao longo do período que segue: *“[...] faz professores e diretores enfrentarem jovens cheios de si a obstruírem leis e normas impostas para que se possa dar aulas com o mínimo de decência(vírgula) que merecem esses combatentes que tentam impedir que o futuro seja incerto e sem esperança”*, resultando em um período que, segundo EMEDIATO (2005), podemos chamar de “centopéicos”, que é um período muito longo e, de acordo com o autor, deve ser evitado “optando pelos períodos mais curtos”.

No sexto parágrafo encontramos um erro de concordância verbal em: *“[...] estão jogando fora não só suas vidas foras, mas as das futuras gerações [...]”*, além do descuido ao repetir duas vezes o termo *fora*; e no penúltimo parágrafo encontramos uma falha ortográfica no termo *“maçantes”*: *“[...] e acham as aulas massantes [...]”*.

Em relação à estrutura, podemos observar que houve respeito à tipologia e adequação ao recorte temático, pois o aluno inicia o texto falando sobre o baixo índice da educação nos dias atuais comparando o estado de São Paulo com o do Nordeste e em seguida coloca a culpa do baixo rendimento do ensino nos pais que não educam seus filhos. Nos parágrafos seguintes, discorre a respeito do que foi

argumentado, expondo seu ponto de vista sobre jovens que influenciados pela tecnologia tornam-se “cheios de si” e enfrentam professores e diretores, quebrando regras e dificultando o decorrer das aulas.

Em seguida argumenta que existem várias alternativas para que a escola seja mudada, porém, seria necessário fazer com que os jovens entendessem que estão jogando fora não só as suas vidas, mas as de outras gerações. No sétimo parágrafo, argumenta que alguns alunos gostam da escola como ela é, mas só por causa dos amigos e que acham as aulas maçantes e conclui que para uma escola ser perfeita, necessitaria de educação por parte de todos os envolvidos.

Com base na estruturação das idéias, estamos certas de que houve a compreensão da proposta, devido a intervenção a respeito do assunto, como era requisitado pelo tema: “*.A escola perfeita necessita de só uma coisa para dar certo. Educação de todos os envolvidos, é assim uma coisa levaria a outra, e se os jovens levassem isso para a vida para a sociedade [...]*”.

No entanto, notamos o uso de expressões que tornam algumas partes do texto incoerentes, como nos trechos a seguir: “*A sociedade afirma que os jovens são o futuro do país, ou melhor do mundo, mas investem muito e mal o dinheiro dos contribuintes no que é a base do nosso futuro*”. Ao afirmar que a sociedade investe muito e mal o dinheiro no que é a base do futuro do jovem, o aluno está se contradizendo, pois se a sociedade investe *muito* no que acreditamos se tratar da educação, como poderia investir *mal*? Tal contradição nos leva a crer que o que o aluno gostaria de dizer é que o dinheiro do contribuinte é gasto em grande quantidade, porém é mal investido, pois não há investimento no que é a base do futuro dos jovens, que acreditamos tratar da educação. Observamos, então que ao utilizar-se da conjunção e ocorreu uma incoerência, pois ela se destacou como conjunção aditiva.

“*A educação pública no passado muito elogiada, não apresenta nem metade da qualidade de décadas anteriores.*” A contradição neste trecho se dá ao dizer que a educação passada era boa, mas não se compara a de décadas anteriores, ou seja, ele elogia e desfaz ao mesmo tempo, criando além da contradição, uma ambigüidade em relação ao ponto de vista defendido por ele, pois como é do nosso conhecimento, a educação pública no passado era considerada modelo em vários lugares, sendo assim, o aprendizado antigamente era superior aos dias atuais. Somos levadas a crer que o que ele quis afirmar na verdade, é que a educação

pública que foi muito elogiada no passado, hoje, não apresenta nem a metade da qualidade de décadas atrás.

“O problema desde a infância, de casa, a geração y ou futuro como são chamados acostumados a facilidades e a impor suas vontades deterioraram a educação.” Neste trecho, a incoerência está presente na desorganização das palavras devido a ausência de pontuação, além da expressão *geração“Y”* que, de acordo com a Wikipédia:

A Geração Y, também referida como Geração millennials ou Geração da Internet é um conceito em Sociologia que se refere, segundo alguns autores, à coorte dos nascidos após 1980 e, segundo outros, de meados da década de 1970 até meados da década de 1990, sendo sucedida pela Geração Z. Esta geração desenvolveu-se numa época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. Os seus pais, não querendo repetir o abandono das gerações anteriores, encheram-nos de presentes, atenções e atividades, fomentando a sua auto-estima. Cresceram vivendo em ação, estimulados por atividades, fazendo tarefas múltiplas. Acostumados a conseguirem o que querem, não se sujeitam às tarefas subalternas de início de carreira e lutam por salários ambiciosos desde cedo. Uma de suas características atuais é a utilização de aparelhos de telefonia celular para muitas outras finalidades além de apenas fazer e receber ligações como é característico das gerações anteriores. Enquanto grupo crescente, tem se tornado o público-alvo do consumo de novos serviços e na difusão de novas tecnologias. As empresas desses segmentos visam atender esta nova geração de consumidores que se constitui um público exigente e ávido por inovações.

Estamos cientes da bagagem cultural do aluno, porém, acreditamos que tal informação possa não fazer parte do conhecimento de mudo de outros indivíduos, fato que nos leva a crer que ele produziu o texto sem se atentar ao interlocutor ao deixar de esclarecer o termo.

Notamos ainda, nos dois últimos parágrafos uma desorganização de idéias, sendo que o último apresenta um excesso de termos sem pontuação correta, tornando-o confuso: *“[...] Educação de todos os envolvidos, é assim uma coisa levaria a outra, e se os jovens levassem isso para a vida para a sociedade não seriam só as escolas que perderiam a ignorância selvagem tão presente em nosso cotidiano.”*

De acordo com a análise acima, somos levadas a crer que o aluno demonstrou-se confuso ao relacionar e organizar as informações, fatos e argumentos a respeito de um ponto de vista, o que denota uma dificuldade em

relação à utilização dos mecanismos lingüísticos (no caso, a coerência) necessários para a construção da argumentação. Parece-nos relevante ressaltar, que embora tenhamos encontrado alguns problemas relativos à pontuação, ortografia e sintaxe, o aluno possui um bom vocabulário e argumentos para defender o seu ponto de vista.

Deste modo, estamos convencidas de que apesar do texto se mostrar, muitas vezes, confuso na organização de idéias, o autor demonstrou, por meio de argumentos, o seu posicionamento crítico e a capacidade de estabelecer analogias no texto, com base no seu conhecimento de mundo, o que nos leva a crer que este aluno possui algumas das características que o aproximam de um metaleitor, já que o indivíduo metaleitor é aquele que consegue atingir a capacidade de realizar uma leitura crítica, além de compreender e estabelecer analogias entre o que lê e outros textos já conhecidos. Por fim, acreditamos que com mais leituras e a utilização das técnicas exemplificadas no primeiro capítulo, o aluno, certamente, seria capaz de produzir um texto com mais clareza de idéias e, conseqüentemente, com previsibilidade quanto ao seu receptor.

Texto 4:



Transcrição do texto 4:

A escola que sonhamos em ter

Roubo, violência, brigas, preconceitos, certamente, não é a escola que as pessoas querem, mas infelizmente, é a escola que os jovens e crianças hoje tem.

Começam o ano com materiais escolares completos e no meio do ano já não se tem mas nada, dia-a-dia vai se roubando o que os pais conseguiu comprar para o filho com tanta dificuldade, e com tanta facilidade pessoas conseguem roubar.

Professores vítimas de violência praticada por alunos que não querem estudar, cada dia mais cedo professores tirando licença por não ter mais condições de ficar em sala de aula.

Certamente o que queremos não é uma escola nesse porte, acreditamos que muita coisa pode ser mudada mas assumimos que antes nós devemos mudar.

Melhores condições de estudo, em laboratórios, laboratórios de informática, professores e alunos mais interessados, mais condições de transporte para quem mora longe. Uma escola que não olha para as diferenças, mas aceita todos como são.

Certamente essa é a escola pública que sonhamos ter.

Comentários:

Podemos observar nesta redação que o aluno conseguiu atingir o tema proposto, pois, primeiro coloca o seu ponto de vista sobre a escola atual: *“Roubo, violência, brigas, certamente, não é a escola que as pessoas querem, mas infelizmente, é a escola que os jovens e crianças hoje tem. [...]”*; e no final ele cita a escola que gostaria de ter: *“[...]Uma escola que não olha para as diferenças, mas aceita todos como são[...]”*. Porém o aluno apresenta falhas em seu texto, isto é, apresenta problemas com concordância verbal: *“[...] os pais conseguiu[...]”* ao invés de usar a expressão “os pais conseguiram”; apresenta problemas com a conjunção “mas” no trecho: *“[...] e no meio do ano já não se tem mas nada[...]”* o uso da conjunção adversativa está inadequado, pois a frase não indica oposição, notamos, também, o uso inadequado da mesma conjunção no trecho: *“[...] Uma escola que não olha para as diferenças, mas aceita todos como são [...]”* o aluno deveria optar pela conjunção aditiva “e” para melhorar a estrutura da frase; entre outras falhas, como o uso incorreto da vírgula em algumas situações e a mudança de parágrafos sem necessidade. Apesar de algumas falhas percebemos que aluno conseguiu compreender a proposta de redação como já foi citado no início; conseguiu relacionar os fatos de seu conhecimento com o texto para argumentar a sua opinião sobre a escola atual não ser do seu agrado: *“[...] Professores vítimas de violência praticada por alunos que não querem estudar [...]”*. Entretanto observamos que esse aluno precisa ter um pouco mais de incentivo em relação à leitura, para que assim possa melhorar o seu conhecimento de mundo para melhor organizar suas idéias, estruturar seu texto de modo mais adequado, se tornar um indivíduo autônomo e atingir a metaleitura.

Texto 5:

Hoje nas escolas públicas estão bem diferente do que antigamente, antigamente, todas as pessoas de verdade não iam estudar, ninguém fazia bagunça ou hoje, de para contar nos dedos a aqueles que se interessam em estudar.

Nas escolas públicas, estão acontecendo muitas brigas, os alunos estão trazendo bebidas alcoólicas, os alunos trazem até drogas para a escola.

Mas também não tem só críticas, veja para o lado bom também a merenda das escolas públicas estão boas, o governo estão interessando mais, nas escolas estão dando curso de graça, apostila de graça.

Para ser uma boa escola tem que ser igual a antigamente, não tinha brigas, todos respeitavam não tinham preconceitos a merenda melhor isso é que é uma boa escola.

Transcrição do texto 5:

Hoje nas escolas públicas estão bem diferente do que antigamente, antigamente todas as pessoas se interessava em estudar ninguém fazia bagunça e hoje da pra contar nos dedos a aqueles que se interessam em estudar.

Nas escolas públicas estão acontecendo muitas brigas, os alunos estão trazendo bebidas alcoólicas, os alunos trazem até drogas para a escola.

Mas também não tem só críticas veja para o lado bom também a merenda das escolas públicas estão boas o governo estão interessando mais, nas escolas estão dando curso de graça, apostila de graça.

Para ser uma boa escola tem que ser igual a antigamente, não tinha brigas, todos respeitavam não tinham preconceitos a merenda melhor isso é que é uma boa escola.

Comentários:

Como podemos notar esta redação não apresenta título e o aluno apresenta diversos problemas para estruturar o seu texto e organizar suas idéias. No primeiro parágrafo encontramos problemas de concordância verbal: “[...] *as pessoas se interessava [...]*” (As pessoas se interessavam); problemas com ortografia e conjugação verbal: “[...] *a queles que se interessem em estudar [...]*” (Aqueles que se interessam em estudar); o aluno generaliza para dar sua opinião, o que enfraquece o seu argumento: “[...] *antigamente todas as pessoas se interessava em estudar ninguém fazia bagunça [...]*”. No terceiro parágrafo observamos uma total desorganização de idéias, ocasionada pelo uso inadequado da vírgula, falhas na concordância verbal, palavras inadequadas no meio da expressão: “[...] *Mas também não tem só críticas veja para o lado bom também a merenda das escolas publicas [...]*”; “[...] *merenda estão boas [...]*”; “[...] *o governo estão interessando mais [...]*”. No quarto e último parágrafo ele próprio se contradiz, pois no terceiro parágrafo diz que a merenda é umas das coisas boas da escola atual, mas nesse último parágrafo diz que para a escola melhorar tem que ter uma merenda como a de antigamente. Diante dos fatos, notamos que o aluno apresenta sérios problemas para produzir um texto, para dominar a norma culta da língua e para argumentar e convencer o leitor da sua opinião. Acreditamos que um aluno, no segundo ano do ensino médio, já deveria ter capacidade de dominar os mecanismos lingüísticos e produzir um bom artigo de opinião, mas no caso deste aluno, constatamos que houve falhas durante o processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita, falhas que vão dificultar a formação de um leitor crítico e conseqüentemente de um leitor metaleitor.

Texto 6:

Frequentemente, nós vemos no jornal, na televisão os acontecimentos que estão acontecendo nas escolas públicas.

Muitas coisas inacreditáveis que de uns anos para cá nem acontecendo.

Porém ninguém acreditaria que uma criança poderia esfaquear outra dentro de uma sala de aula, alunos agredirem professores, destruir as escolas.

Não há respeito pelas escolas públicas, pelos coordenadores e muito menos pelos professores. Isso tudo está acontecendo devido a falta de autoridade com esses menores.

Hoje, a lei estabelecida pelo governo, contende para que eles sejam assim, não há punição pelos seus atos.

Na minha opinião, os maiores responsáveis para esses acontecimentos em escolas públicas são os próprios pais ou responsáveis por essas crianças ou adolescentes, muitos pais não acompanham



seus filhos nas escolas, às vezes nem sabem onde eles estão.

Porque se houvesse apoio dos governos ou na administração da escola e os pais estivessem presentes para cobrar seus direitos, e cumprirem seus deveres, acredito que os acontecimentos que acontecem em escolas públicas seriam totalmente diferentes.

Eu gosto da escola que eu tenho, falta um pouco de tecnologia, mas eu sei que não é culpa da escola e sim do governo.

Mas acredito que a escola que eu gostaria de ter um dia, não chegará para outros que não sabem.

Transcrição do texto 6:

Freqüentemente nós vemos nos jornais, na televisão os acontecimentos que estão acontecendo nas escolas públicas.

Muitas coisas inacreditáveis que de uns anos para cá vêm acontecendo.

Porém ninguém acreditaria que uma criança poderia esfaquear outra dentro de uma sala de aula, alunos agredirem professores, destruírem as escolas.

Não há respeito pelas escolas públicas, pelos coordenadores e muito menos pelos professores .

Isso tudo está acontecendo devido a falta de autoridade com esses menores.

Hoje a lei estabelecida pelo governo, contribui para que eles sejam assim, não há punição pelos seus atos.

Na minha opinião os maiores contribuidores para esses acontecimentos em escolas públicas são os próprios pais ou responsáveis por essas crianças ou adolescente, muitos pais não acompanham seus filhos nas escolas, as vezes nem sabem onde eles estão.

Por que se houver erros dos governos ou na administração da escola e os pais estiverem presentes para cobrar seus direitos, e cumprirem seus deveres, acredito que os acontecimentos que acontecem em escolas públicas seriam totalmentes diferentes.

Mas acredito que a escola que eu gostaria de ter um dia irá chegar para outros que irão entrar.

Comentários:

No primeiro parágrafo observamos o uso incorreto da vírgula: “*Freqüentemente nós vemos nos jornais, na televisão os acontecimentos [...]*” essa vírgula deveria ser substituída pela conjunção aditiva “e” (Frequentemente nós vemos nos jornais e na televisão [...]), o aluno faz uso de uma expressão

desnecessária para construir o seu texto: “[...] *os acontecimentos que estão acontecendo [...]*”.

Encontramos, também, problemas no terceiro parágrafo com o uso desnecessário da conjunção adversativa “porém” no início da frase: “[...] *Porém ninguém acreditaria que uma criança poderia esfaquear outra dentro de uma sala de aula [...]*”; e com a conjugação do verbo agredir e construir e o uso da vírgula, que deixa a frase incoerente: “[...] *alunos agredirem professores, destruírem as escolas [...]*” ao invés de usar a expressão: “Alunos agredem professores e destroem as escolas”.

No oitavo parágrafo ele inicia o texto com o termo “Por que”, termo usado no início de frases interrogativas, porém ele usa para fazer uma afirmação: “[...] *Por que se houver erros dos governos ou na administração da escola e os pais estiverem presentes para cobrar seus direitos, e cumprirem seus deveres, acredito que os acontecimentos [...]*”.

Percebemos que mesmo com os erros já citados e alguns outros como: acentuação incorreta “sabém”; uso inadequado do plural: “totalmentes” (falhas que podem ter sido ocasionadas por descuido do produtor da redação), o aluno relaciona fatos da realidade para argumentar as suas idéias: “[...] Hoje a lei estabelecida pelo governo, contribui para que eles sejam assim, não há punição pelos seus atos [...]” e elabora uma proposta para diminuir o problema: “[...] *e os pais estiverem presentes para cobrar seus direitos, e cumprirem seus deveres, acredito que os acontecimentos que acontecem em escolas públicas seriam totalmentes diferentes.*” Sabemos que esse aluno ainda precisa receber mais incentivo para produzir textos e ampliar, por meio da leitura, o seu conhecimento de mundo, para que assim possa melhorar seus argumentos para defender seu ponto de vista, possa ter previsibilidade quanto ao seu receptor, se tornar um leitor crítico e atingir o último nível da leitura: a metaleitura.

Considerações finais:

Este trabalho teve como enfoque principal, uma reflexão sobre a importância de se formar indivíduos com autonomia intelectual nos dias atuais, pois é cada vez mais crescente na sociedade moderna, a necessidade de se ter domínio dos atos de produção e interpretação de textos. Porém, essas habilidades não são dominadas por grande parte dos alunos, fato comprovado, tanto pelas provas aplicadas nas escolas municipais, quanto por parte das redações analisadas neste trabalho. Em princípio, o que denota tal dificuldade, é a ausência de leitura, que leva ao desconhecimento de vocabulário, tornando a produção textual, muitas vezes, incoerente, repetitiva e com escassez de argumentos.

Sabemos que o desinteresse pela leitura no país, colaborou, em boa parte, com o enfraquecimento do ensino, tornando-se um desafio para os professores formar alunos leitores e críticos como é exigido hoje pela sociedade. Ainda, nos dias atuais, acredita-se que a alfabetização venha tratar-se apenas das habilidades de leitura e escrita, sendo assim, acredita-se que sabendo ler e escrever, o indivíduo estará alfabetizado. O resultado de tal engano é a incapacidade de se interpretar e produzir bons textos, já que a leitura implica, não somente, em decodificar-se letra por letra e palavra por palavra, mas de se atingir as informações implícitas oferecidas por um texto.

O indivíduo metaleitor possui a capacidade de refletir criticamente sobre a leitura, tanto dos diversos textos, quanto sobre o próprio, colocando-se no lugar do outro (interlocutor) ao se produzir um texto, pois como já foi dito anteriormente, os indivíduos que conseguem analisar de forma crítica o seu discurso próprio e os diferentes discursos são mais críticos e, conseqüentemente, desenvolvidos intelectualmente.

Ao avaliar uma das redações, nos deparamos, por fim com a produção de um aluno que se aproximou de uma das competências da metaleitura, que é a de fazer

associações lógicas, porém o texto estava longe do esperado nos níveis de organização de idéias e previsibilidade quanto ao receptor.

Pressupondo à dificuldade em se formar alunos metaleitores, recorreremos a caminhos que poderão servir de base no trabalho de produção e interpretação textual que são as técnicas descritas no primeiro capítulo, tais como conhecer as idéias central do texto e de cada parágrafo; escrever a respeito e depois parafrasear o texto, ajuda com que o aluno possa desenvolver autonomia no contexto de interpretação e produção textual. Porém, como já ressaltamos no capítulo um, trata-se de um longo caminho a ser percorrido que exige esforço e disciplina, tanto para se tornar, quanto para se transformar alguém em um metaleitor.

Sabemos que a necessidade de saber lidar com todos os tipos de textos de interação social implica em se formar sujeitos letrados, que além de alfabetizados, devem possuir a capacidade de reconhecer os diversos gêneros textuais que circulam o cotidiano. A intenção é de que se promova a autonomia nos alunos tornando-os cidadãos, pois a necessidade de reconhecer os diversos textos está presente no dia-a-dia de cada um. O conhecimento gramatical não deve ser visto como um estudo à parte, pois se inserido a produção textual, a absorção dos conteúdos será mais eficiente.

Estamos convencidas de que o objetivo do nosso trabalho foi alcançado, pois embora não tenhamos encontrado um sujeito totalmente metaleitor nas análises, pudemos desenvolver um trabalho que sirva como base para outros que virão e, principalmente, trazer um apoio no ensino-aprendizagem de interpretação e produção de textos em salas de aula por meio de técnicas que facilitem a organização de idéias e a compreensão das leituras. Para concluir, acreditamos que o nosso trabalho trará uma pequena contribuição sobre a metaleitura, já que se trata de um tema pouco conhecido, o que nos foi evidenciado, principalmente pela ausência de materiais a respeito.

Referências:

BORGES, Lílian. Redação de alunos de São Paulo é insuficiente. **Língua portuguesa**, São Paulo: Editora Segmento, n. 29, p; 10, mar. 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio: língua portuguesa**, Brasília: MEC/SEMT, 1999.

BRUNI, J.C; ANDRADE, J.A.R. de. **Introdução às técnicas do trabalho intelectual**. Araraquara: UNESP, 2004. 26 p.

COUTINHO, Fabíola Servidoni. **O Projeto Metaleitura Na Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<http://www.unesp.br/PDENE2002/projetometaleitura>.> Acesso em: 29 de Setembro de 2008.

EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura**. 2. ed. São Paulo: Geração editorial, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes. **A coesão e coerências textuais**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GARCIA, Othom. M. **Comunicação em prosa moderna**. 6. ed. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1977.

GERAÇÃO Y. In: **Wikipedia**. Disponível em:< http://pt.wikipedia.org/wiki/Geracao_Y>. Acesso em 23 nov. 2009.

GUARIGLIA, Rinaldo. **Laboratório de prática textual: primeiras técnicas de leitura**. 2007.12 v. Aula (Licenciatura em Letras) – Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Profissão: professora. **Língua portuguesa**, São Paulo: Editora Segmento, n.19, p; 13-16, maio. 2007.

São Paulo. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa**. São Paulo: SEE, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 45 – 47.

STUCKERT, Ricardo. Baixo rendimento escolar. **Língua portuguesa**, São Paulo: Editora Segmento, n.25, p; 11, nov. 2007.

TELLES, Lygia F. In: *Leitura e Reflexão: a receita dos que sabem lidar com palavras*. Época. Disponível em <<http://epoca.globo.com/edic/19990614/ciencia1b.htm>>. Acesso em 17 jun. 2009.

UMA NOTA sobre as habilidades de leitura e produção de textos avaliados no saresp. **Revista São Paulo Faz Escola**. São Paulo, 2008, p.15-6.

ZILBERMAN, R e Silva, E.T. **Leitura - perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1998.